

O PODER DO DEBATE: DEMOCRACIA E SEUS ENFRENTAMENTOS NA ANTIGUIDADE

Fábio de Souza Lessa (LHIA-UFRJ)
Bruna Moraes da Silva (LHIA-UFRJ)

Dentre as palavras que herdamos do grego, democracia talvez seja aquela que mais ecoou, e ainda ecoa, nas mais diversas conjunturas espaço-temporais. Ainda assim, nem sempre as apreciações acerca desse sistema político são positivas. O regime surgido na antiguidade grega, mais reconhecidamente em Atenas, ainda que outras *pólis* já também adotassem medidas vistas como democráticas, é desde seu nascimento alvo de debates, críticas e dúvidas. Não é à toa que a frase, aparentemente paradoxal e controversa, atribuída a Winston Churchill, seja retomada até os dias de hoje: “A democracia é o pior dos regimes políticos, à exceção de todos os outros já experimentados ao longo da história”.

Mas o que é a democracia? Etimologicamente, os gregos também respondem essa pergunta: o poder, *krátos*, do povo, *dêmos*. E quem seria esse povo? O que seria de fato esse poder? Comparando o que hoje chamamos de democracias modernas com o que começou a se desenvolver entre o século VI e V a.C., as diferenças são consideráveis. Hoje, não chamaríamos de democrático um governo no qual um grupo estivesse excluído das decisões políticas, mas assim era em Atenas. Ser cidadão, *polités*, era ser homem, livre, nascido na *pólis* ateniense, filho de pai e mãe atenienses – após decisão instituída por Péricles –, e observante das atividades militares. Deste modo, estavam excluídos da participação política mulheres, escravos, crianças e estrangeiros domiciliados (*metoikói*), evidenciando-se um corpo de cidadãos que correspondia a

apenas uma pequena parcela da sociedade, levando a pesquisadores da democracia antiga a se questionarem se o que haveria, de fato, em Atenas, não seria apenas uma aristocracia alargada.¹

Não obstante, ainda que em meio a críticas em seu próprio tempo e nas reflexões contemporâneas, não é possível não ver a democracia antiga como espaço do tudo dizer, no qual se era apreciada a discussão na *agorá*, o *agón*, o enfrentamento de argumentos que colocavam em pauta reflexões sobre as temáticas debatidas. Assim como Richard Sennett (1997, p. 47) salientou, “na ágora, múltiplas atividades transcorriam simultaneamente, enquanto as pessoas se movimentavam, conversando em pequenos grupos sobre diferentes assuntos ao mesmo tempo”. A igualdade diante da lei (*isonomía*), o direito à palavra (*isegoría*), à participação política (*isocracia*) e à liberdade (*eleuthería*), mesmo que entre um grupo pequeno de cidadãos, estava no cerne daquele sistema que viria a se tornar um modelo a ser seguido, ainda que não nos mesmos moldes, por sociedades do tempo presente.

Diante disso, é *mister* o contínuo debate acerca desse sistema político, proposta do presente dossiê da *Revista Mythos*, no qual se reúne uma série de estudos que exploram diferentes aspectos da democracia na Antiguidade, evidenciando contribuições valiosas para o entendimento do papel do debate na sua construção e manutenção.

O primeiro artigo, escrito por Darcylene Pereira Domingues, evidencia o contexto democrático ateniense através das tragédias *As Traquínias*, de Sófocles, e *Medeia*, de Eurípides, salientando o espaço teatral como parte do sistema democrático. A autora destaca o papel ativo de duas personagens do gênero feminino, Dejanira e Medeia,

¹ Para a discussão sobre os limites da participação na democracia ateniense, ver: STARR, 2005, p. 55-57.

questionando seus limites e enfrentamentos em relação à cultura androcêntrica e cívica da *pólis*. Ao notabilizar o teatro como um local que proporciona o questionamento, é também colocado em pauta sua ação crítica ante os problemas enfrentados pela sociedade ateniense.

Também refletindo sobre a estreita conexão entre teatro e a forma de governo democrática, Jerrison Patu defende que a encenação de *As bacantes* de Eurípides conecta o debate entre Penteu, herói trágico, e o deus Dioniso, que resulta na produção imaginária real ou irreal do rito dionísíaco. O autor intenciona ainda instituir conexões entre o contato estabelecido nas diversas regiões a partir da chegada e recepção de Dioniso a Tebas e, posteriormente, sua negação.

Na sequência, e em forma conjunta, os pesquisadores José Petrúcio de Farias Junior e Gizeli da Conceição Lima resgatam debates historiográficos acerca da democracia ateniense presentes em compêndios de História Universal do século XIX utilizados em escolas do ensino secundário no contexto imperial brasileiro. De acordo com os autores, esses compêndios se utilizaram da pretensa autoridade do passado clássico como forma de desenvolver projetos de poder. Em relação à democracia, os estudiosos apontam como o material didático evidencia um ponto de vista crítico ao regime praticado em Atenas. Através de uma negligência aos estudos sobre democracia, defende-se que os compêndios dariam destaque à solidez de regimes aristocráticos.

No quarto artigo que compõe o presente dossiê, Marina Outeiro, através de sua pesquisa sobre as Grandes Panateneias, volta ao tópico da participação feminina no contexto democrático ateniense, contemplando a relação entre gênero e História Política. O teatro grego mais uma vez é colocado em relevo, mas através da comédia de Aristófanes *Lisístrata*. A autora reforça as metáforas entre tecelagem e

política, buscando o rompimento do paradigma comportamental feminino.

A análise sobre o debate trágico sofocliano entre Antígona e Creonte finaliza este dossiê. Pedro Ricardo de Souza Velasco tem como um de seus objetivos evidenciar o papel educativo das tragédias em meio à sociedade grega, tal como as relações existentes entre texto e contexto, especialmente no que compete às disputas políticas presentes no período clássico (séculos V e IV a.C.) ateniense que reverberam na peça *Antígona*. Para mais, a adaptação fílmica da obra de Sófocles, de 1961, também é foco de investigação, destacando-se sua validade didática para se debater a antiguidade, mas igualmente as conexões entre a obra cinematográfica e seu período de produção, marcado por lutas pelos direitos civis e de gênero.

Ao explorar o sistema democrático através de diversas lentes, este dossiê convida os leitores a refletirem sobre a natureza do sistema democrático na Antiguidade, não deixando de elucidar diversos questionamentos políticos que ainda se fazem presentes na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 1997.

STARR, Chester G. **O nascimento da democracia ateniense**: a assembleia no século V a.C. São Paulo: Odysseus, 2005.